O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANO II — N. 11 | Rio de Janeiro, 1 de Junho de 1917

REDAÇÃO
Rua do Senado 215—217
Telefone Central 1499

A falencia do Estado

Esta guerra, em virtude dos seus proprios ecsessos, encaminha-se vizivelmente para um fim ilojico e absurdo. Função essencial do Estado, era de prever que o Estado e os valores politicos, economicos e morais correspondentes e correlatos saissem dela fortificados. Ao contrario, porém, de todas as previzões lojicas, o que se verifica, depois de quazi tres anos de ezercicio belicozo é a quebra irrefragavel, a falencia irremediavel, a fragoroza ruina do Estado.

Ao rebentar a conflagração e pelos mezes adiante, até hoje ainda, foram dadas como fracassadas todas as idéas e teorias internacionalistas, antimilitaristas, socializantes e antiestais. Com efeito, a primeira impressão, verdadeira e lojica, foi de fracasso. Mas a vida é toda feita de contradições, de ilojismos e incoerencias. E assim, contra todas as espectativas, assistimos, neste instante ao fracasso do Estado e á vitoria dos principios e das idéas que lhe são opostas e que supunham ser os fracassados...

A febre de patriotismo e de nacionalismo que ajita o mundo é uma couza inteiramente literaria e declamatoria. O fato concreto, a ação pozitiva e real, que sentimos e praticamos, é a internacionalização, é a socialização universal das couzas. A produção, e o consumo se acham agora, mais que nunca, submetidos a uma organização acentuadamente internacional, Ora, não ha principios politicos nem morais que se sustentem fóra de bazes economicas. Portanto, a bazes economicas de carater internacionalista ha de forçozamente corresponderem politica e moral de carater igualmente internacionalista. Não ha por onde fujir e,em que peze aos liricos e cabotinos de vario calibre, esta é a feição que vai tomando a sociedade humana neste momento de confuzões...

O Estado faliu. No estremo da sua evolução historica, tem que ceder o passo a novas fórmas de vida, a novos metodos, a novos sistemas. Prova da falencia do Estado? Patentissima: a falta de uma solução, dentro do principio estatal, para o conflito das nações. Militarmente empatada, a guerra não encontra um fim natural, que seria a derrota de um dos contendores e a vitoria do outro. A entrada de novos paizes, mesmo para um só dos grupos, não romperá o equilibrio de forças. Os Estados Unidos são uma grande potencia: lançarão mais lenha á fogueira, mas não dezequilibrarão o empate. A entrada da Italia, longamente preparada e geograficamente em melhores condições que os Estados Unidos, não adiantou absolutamente nada a favor dos aliados. A entrada da Rumania, saudada como fato decizivo, foi, como tal, um dezastre completo... Assim, pois, o que está patente é que o Estado não encontra solução para o conflito. Quer isto dizer que a solução estará fóra das razões de Estado.

O Estado faliu e o mundo entra num periodo de tremendas confuzões e dezordens. O ezemplo da Russia póde servir de espelho. O czar e a sua camarilha cairam porque, representantes massimos de um principio falido, não tinham onde apoiar-se para rezistir á onda inezoravel de novos principios vitais em plena eclozão. Como a monarquia moscovita, hão de cair as monarquias da Alemanha, da Austria, da Italia, da Inglaterra, como a aristocratica republica franceza e todas as demais quadrilhas governantes da Europa e do resto do mundo. E' só questão de algum tempo. Umas rezistirão mais que outras, mas acabarão: todas no mesmo entulho das velharias historicas e podres. Incluzive, é claro, esta nossa inefavel engenhoca democratica atualmente feitoreada pelo eminente zebroide sr. Wenceslau Braz Pereira Gomes dos Anzoes Carapuça...

Astrojildo Pereira,

O proletariado, a policia e a imprensa

Quando dizemos que nós, os trabalhadores do mundo, constituimos uma só familia ligada pela corrente opressora da escravidão economica em que está fundamentada a ordem de coizas na sociedade burgueza, bazeamo-nos em fatos que constatam a veracidade da nossa asserção.

Pouco importa que os defensores do rejimem social prezente pretendam com enjenhozos sofismas desviar a organização proletaria dos seus verdadeiros principios de confraternizaçao universal. Não importa que instituam violentamente o *respeito* a uma bandeira, que nos dividam em absurdas fronteiras ou pretendam manter latente, entre nós, o odio de raça.

A historia da evolução social do proletariado seguirá o seu curso.

Eziste uma cauza internacional que produz efeitos terriveis no seio do proletariado: o capitalismo, e inuteis serão os esforços maquiavelicos empregados pelos advogados da burguezia no sentido de suavizar os efeitos sem eliminar a cauza.

Os trabalhadores, unicos produtores de todas as riquezas sociais, sabemos perfeitamente que o mesmo no Brazil que na China, na França como na Alemanha, somos justamente os que nada possuimos.

Para nós não ha logar no banquete da vida. Os potentados apoderam-se pela força do talher que nos pertencia.

Mas,felizmente nos nossos corações perdura vivaz o instinto de revanche que vitoriozamente levar-nos-á a conquista dos nossos direitos conspurcados.

Assim, pouco nos interesa o ter nacido no Brazil ou na França, na Espanha ou na America do Norte; em qualquer parte do mundo em que nos encontremos, trabalharemos com afinco pela nossa emancipação integral.

Em todos os cantos do planeta onde estabelecemos rezidencia, vemos pairar sobre nós a sombra sinistra da fome, enquanto os previlejiados, os senhores da vida, são acobertados pela bandeira protetora da patria.

Que nos importa ter nacido nesta ou naquela divizão geografica da terra, á sombra de uma determinada bandeira, quando em qualquer parte que nos encontremos, temos de alugar os nossos braços em troca de um mizero salario?

A unica couza que nos resta é a força dos nossos braços que humildemente temos que pôr a dispozição de um senhor, pelo fato de nossos nomes não estarem reconhecidos no rejistro de propriedade.

Eis porque a nossa patria é aquela, que forçados pelas circunstancias tenhamos escolhido para ser escravos.

Cansados de sofrer a tirania imperante nas diversas *patrias* que nos viram nacer, e começaram a obra da nossa escravidão economica e moral, escolhemos voluntariamente o Brazil como patria tranzitoria para ser esplorados.

Mas, quem nos esplora no Brazil? Por ventura os brazileiros?

Não, absolutamente!

A escravidão economica a que estamos submetidos na sociedade é mantida pelo internacionalismo industrial, pelo capitalismo absorvente que, dando-se as mãos sobre todas as fronteiras, constitui a potencia social burgueza que nos esmaga. Portanto, si no Brazil eziste um comercio, uma industria esplorada por capitalistas *estranjeiros*, considerada brazileira, que á sombra da Constituição deste paiz espolia vergonhozamente as classes produtoras, impõe-se a organização de uma força nova, uma potencia social constituida pelos proletarios do mundo que no Brazil vivem e trabalham, esgotando o melhor das suas enerjias e aniquilando a sua juventude, afim de opôr rezistencia aos intuitos gananciozos dos capitalistas internacionais.

Os trabalhadores brazileiros estão ligados a nós pelos laços da mizeria assim como os capitalistas estranjeiros estão ligados aos brazileiros pelos laços da opulencia e da grandeza.

Esta é a realidade dos fatos e contra eles não ha argumentos.

A dezigualdade social, a esploração do homem pelo homem, não é previlejio desta ou daquela nação, ela é a baze fundamental da organização social que reje os destinos da humanidade. Somos portanto proletarios do mundo, hoje domiciliados no Brazil, sob o protetorado das suas leis, somos esplorados juntamente com os trabalhadores nacionais. Consequentemente, seres vivos que sentimos, que pensamos, com eles protestaremos enerjicamente contra a opressão tiranica dos poderozos sem esperarmos que por favor nos seja concedido esse direito, sem preocuparmo-nos em saber se esta é ou não, a nossa *patria*.

Os trabalhadores nunca são demaziadamente ezijentes nas suas justas reclamações, mas naturalmente que quando se pede mais um pouco de bem estar num paiz como o Brazil, em que o proletariado ainda não fez reconhecer os seus direitos pelos poderes constituidos, sempre que formulam algumas reclamações,são qualificadas de absurdas. Absurdas por que não temos uma força organizada, uma poderoza organização obreira capaz de se impôr pelo poder da sua conciencia ao orgulho dos potentados que encaram com profundo desprezo o clamor de justiça que parte dos nossos peitos escarnecidos.

O ultimo movimento grévista dos nossos camaradas da Fabrica de Tecidos Corcovado veiu pôr em evidencia a nossa débil organização operaria.

Não sabemos obedecendo a que principio, os trabalhadores têm-se manifestado refratarios á organização obreira, e d'ai o fracasso de um belo movimento que bem podia ser o principio de uma manifestação pratica do poder da ação revolucionaria do proletariado conciente,

Sem embargo, aqueles companheiros, forçados pelas circunstancias de momento, lançaram-se na gréve, sem dela tirar proveito. Qual o motivo? A falta de solidariedade entre nós, tem sido o furo maldito de muitas gréves. Se por ventura, no momento em que os operarios da Gavea eram violentamente espancados pelos esbirros da burguezia, todos os trabalhadores da cidade lhes houvessem levado todo o seu apoio moral e material, tirando uma desforra da afronta, eles, indubitavelmente, teriam vencido na luta e a força do proletariado teria sido reconhecida pelos poderozos.

Nós, somente nós, somos os responsaveis, não só do fracasso desse movimento como tambem da degradante situação que atravessamos, mas convenhamos que não se remediam males com lagrimas sentimentais e sim reparando erros, com criterio e ponderação.

Este, como outros muitos movimentos proletarios fracassou, mas o passado pertence á historia e nós dela só devemos deduzir concluzões que possam no futuro levar-nos a empregar mais proveitozamente as nossas enerjias em defeza da cauza sacrosanta da nossa emancipação. Portanto, qual o caminho a seguir? qual o meio mais pratico de conquistar as nossas melhorias sociais? Eis o que se nos impõe saber: converjir todas as nossas enerjias em torno da organização, inculcando no seu seio os metodos do sindicalismo revolucionario, unica fórma possivel de conseguirmos dar uma tendencia mais ampla ás associações corporativas, que hoje inutilmente desperdiçam as suas enerjias por caminhos errados, eis o que nos cumpre fazer.

Enquanto não organizemos metodicamente uma força concreta, capáz de abalar os alicerses da sociedade burgueza, no Rio, como em Chicago, em Barcelona como em Buenos Aires, em Ancona como em Marselha, continuaremos a ser masacrados nas praças publicas como filhos espurios da sociedade.

Continúa na 3ª pajina.

A caminho da vitoria

A nossa constancia na luta pela conquista das 12 horas de trabalho e o descanso semanal,tem sido ardua e pertinaz. Diversos têm sido os movimentos iniciados pelo Centro Cosmopolita,no sentido de melhorar as precarias condições de vida da nossa classe, mas infelizmente os seus esforços têm sido baldados pelo indeferentismo com que a coletividade tem secundado os seus apêlos de congregação em volta da sua bandeira libertadora.

Se houvessemos acompanhado com mais interesse as suas iniciativas, certamente os seus esforços hoje não seriam empregados no sentido de fazer cumprir uma lei ha dois anos feita pelo Conselho Municipal e promulgado pelo sr. prefeito, e sim estaria empregando as suas enerjias pela conquista de uma nova lei que nos reconhecesse mais direitos e mais um pouco de liberdade.

A pouca confiança no poder da nossa ação nos colocou numa situação tão degradante e de tal fórma humilhados perante um patronato retrógado e egoista que hoje os esforços empregados no no sentido de fazer alguma couza em defeza da nossa cauza têm de ser triplicados. Mas felizmente o Centro não dezanimou absolutamente do seu propozito, e quanto mais dificil e espinhoza se torna a sua missão mais gosto toma na defeza da cauza justa e humana da coletividade que reprezenta.

Não é facil pois vence-lo nesta jornada grandioza, desde o momento que todos nós prestemos,na medida de nossas forças, o nosso apoio moral e material.

A campanha ultimamente iniciada pelo Centro, afim de levar ao conhecimento dos poderes publicos o descazo com que os srs. patrões encaram uma lei posta em ezecução para ser cumprida por eles, está surtindo alguns efeitos.

No dia 26 do corrente, o digno ajente do 1· distrito rezolveu dar o primeiro passo, como nos tinha prometido,no cumprimento do seu dever. Duas cazas foram multadas por não estarem funcionando de acordo com a lei de 31 de dezembro de 1912.

As firmas intimadas no prazo de 10 dias a pagar a multa de 500$ são José Rodrigues Salgueiro e Constantino da Estrela Teixeira, estabelecidos com botequim á rua do Carmo ns. 54 e 68.

Felicitamos pois o sr. ajente do 1· distrito e esperamos que todos os seus colegas saibam cumprir com o seu dever.

Oduumyar.

Imprensa burgueza e imprensa operaria

Ao contrario da imprensa burgueza, que, pondo-se ao lado da França ou da Alemanha, ecita os póvos á carnajem, a imprensa operaria tem sustentado, admiravelmente, em sua maioria, sinão em sua totalidade, um vigorozo protesto contra a abominavel chacina. E' lojico que desse modo aconteça. Procedendo assim, ambas as imprensas stereotipam as idéas da classe a que pertencem.

O mundo burguez aufére beneficios da guerra; o mundo operario só encontra nela mizeria, fome, luto, dezespero...

Burguezes são os fabricantes de armamentos; burguezes são os generais e demais militarões profissionais; burguezes são os «honestissimos» fornecedores dos ezercitos; burguezes são os jornalistas, os poetas e os oradores...

E todos esses burguezes, como sabeis, lucram imensamente com a entredegola dos póvos: vendendo canhões, uns, obtendo promoções e condecorações, outros; estes, impinjindo generos falsificados por dinheirama graúda; aqueles, assalariando a pena, assalariando a muza, assalariando a palavra...

Mas os que vão na peleja servir de carne de canhão; os que vão arrebentar, em trincheiras pestilentas,de fome e de cansaço, os que, morrendo pela «querida patria»—ó patria amaldiçoada!—deixam ao dezamparo mizeras crianças—esses não poderiam entoar canticos de louvor á guerra, sem se tornarem traidores á propria cauza de libertação.

Eis aì porque a imprensa burgueza eleva, calorozamente, hinos á furia guerreira e deshumana; eis aì porque a imprensa proletaria vibra de indignação diante do morticinio europeu.

Defendendo a guerra, a burguezia defende os seus privilejios, os seus mesquinhos interesses mercantis, mantendo, assim, a odioza rivalidade entre as nações.

Clamando contra a carniceria, o operariado viza a abolição das fronteiras, preparando, dessa maneira, a harmonia internacional; pela instauração da sociedade nova, na qual os homens sejam verdadeiramente livres e verdadeiramente irmãos.

X.

A' CLASSE

Lançando mão da pena para vos fazer este apelo, ezulto de alegria, ao ver-vos dicididos para nova luta reinvidicadora de nossa classe.

Bravos!

Vejo-vos lutando pela vida, e contra o capital com tal ardor, que me orgulho de labutar no meio *desta classe, tão* desprezada pelas classes uzurpadoras, que se julgam senhoras do mundo. Avante pois, caminhai por esse caminho de gloria, buscai o pão para mitigar a fome de vossos filhos, buscai um pouco mais de descanso para vosso corpo alquebrado pelas fadigas de 16 e 18 horas de serviço ezaustivo, buscai nesse recanto vossa vida, pois a tuberculoze vos espreita a todo o momento para vos incorporar ao seu lugubre ezercito, lançai mão desse arma para que não sejais incorporados, emfim sejais homens de dignidade, mostrai aos outros homens que tendes tambem direito ao banquete da vida, como qualquer ser vivente.

Mostrai-lhes um dia que sois homens como eles, que nada pedis, lembrai-vos de que pedindo-lhes 12 horas e um dia de descanso semanal sois muito condecedentes, outros trabalhalhadores como vós trabalham 8 horas apenas, portanto nada pedis, e se acazo pedes é a tua vida que periga, são vossos filhos que amanhã ficarão sem pão nem abrigo.

Refleti! vede que a realidade se estampa a vossos olhos; para que nega-la? Tendes receio? nada temas se quereis viver; revoltaivos, pois é esse o unico meio do homem ser livre. Se eziste em vosso cérebro uma idéa apagada de revolta iutima contra o estado de couzas que passam por vossos olhos como fantasmas, vós deveis alimenta-la para que produza mais alguma coiza do que até aqui tem produzido e então verás esses mesmos fantasmas tornarem-se em realidade, e tu mais ainda verás a podridão que eziste no meio das classes uzurpadoras; aí chegarás a uma realidade e revoltar-te-ás forçozamente, no teu cérebro germinará a revolta que teu espirito necessita e pede, e não temas que o potentado venha tirar-te essa idéa? não, ele tudo uzurpa menos idéas! Ah! se ele pudesse, se ele tivesse a força bruta dessa gaande Natureza, que tudo consegue, então sim, mas ele como o mais humilde dos trabalhadores tem que curvar a cabeça à tempestade e a todos os cataclismos que essa mesma Natureza na sua força bruta nos manda, como que indicando-nos que somos todos eguais, que se nos dividimos é por que eziste um mal social entre nós—«o capital».

Contra esse inimigo é que deveis levantar vossas armas, pois é esse que te traz agrilhoado perante esta sociedade corruta. Emfim, trilhai por esse caminho de gloria para a conquista do que ha tantos anos aspiras, não tendes agora a vosso lado a classe governamental? que mais quereis?

Avante, pois, lutai pelas 12 horas de trabalho e o dia de descanso semanal, poi lutais pela vossa vida e de vossa familia. E deixai que desta mal escrita coluna um viva se erga á nossa classe.

Agarb.

Trabalhando para abolir a divizão entre senhores e escravos, trabalhamos para a felicidade d'uns e d'outros, trabalhamos para o bem da humanidade.—*P. Kropotkine.*

A condenação de um heróe

Merecem rejistro as palavras pronunciadas por Adler, no tribunal que o condenou á morte. Elas honram o ideal servido pelo corajozo jornalista revolucionario e valem bem por um incentivo e um consolo nestas horas torvas que vivemos.

Reproduzimo-las tais e quais no-las forneceu o «Imparcial», em telegrama de 22 ultimo:

«AMSTERDAM, 22 — Telegrafam de Viena, reproduzindo o seguinte discurso que o jornalista Adler pronunciou, depois de ter ouvido a leitura da sua condenação á morte:

«Eu não sou antipatriota. Sempre condenei o assassinato como solução de quaisquer questões e pendencias politicas ou partidarias. Estamos porém, numa época em que, sendo necessario, não devemos hezitar em eliminar um homem, para libertar a Humanidade do barbarismo e do absolutismo.

Nós, os socialistas, queremos o advento de outra sociedade e de outro rejimen de governo, não para proveito nosso, mas para arrancar á morte estes milhões de homens, que se batem inutilmente nas trincheiras, que lutam e morrem para satisfazer os caprichos e as ambições de determinados governantes.

Matar não póde nem deve ser privilejio dos mandantes. Nós outros tambem temos este direito.

Espero conservar minha fortaleza de animo até ao fim, para gritar — «Revolução até á morte.»

Quando Adler terminou essa alocução, seus quatro cumplices, que aguardavam sentença, promperam em vivas a Adler e á revolução.»

O problema para cuja solução ora se ajita a nossa classe,a bracejar inutilmente num pelago de legalismos, em gestos que bem traduzem a sua dezorientação, para nós afigura-se de uma simplicidade incomparavel.

Com efeito,no dia em que apercebidos da iniquidade social e economica da sociedade hodierna, nós os trabalhadores nos dispuzermos a arremessar para lonje, num instante feliz de revolta compreensão dos nossos direitos, o pezo brutal e infame da tirania capitalista, não precizaremos pedir baldadamente às leis aquilo que só de nós depende.

Matar em nome de Deus

Por detraz de toda a guerra moderna, póde afirmar-se afoutamente, a um grupo ou grupos de industriais ou financeiros, para quem a paz armada e a guerra são ecelentes negocios.

José Verissimo.

E' devéras dezolador a faze porque está passando a Europa, com a carnificina guerreira a que os dirijentes das nações que a compõe a atiraram, e que parece querer chegar até nós.

Essa carnificina que prezenciamos no seculo atual, não é nada menos que o rezultado da tão decantada paz armada, que os senhores reprezentantes das nações tão larga e criminozamente discutiram na famoza conferencia de Haya, em que ficou estabelecida a diviza latina, SI VIS PACEM PARA BELLUM.

No entanto, não muitos anos após essa conferencia, vêmos os paizes que a realizaram se degladiarem mutuamente, numa guerra puramente comercial, destruindo tudo que está ao alcance de seus canhões, talardo campos, destruindo maravilhas de arte, violentando jovens indefezas, emfim cometendo toda a sorte de massacres e violencias, e os reis, imperadores, ou presidentes de republica, falando do alto de seus palacios, invocam o nome de Deus para aussiliar o seu exercito, que não é mais do que um imenso bando de assassinos organizados em defeza de grandes industriais ou financeiros, e nos entuziasticos discursos em que defendem a sua SAGRADA cauza dizem que Deus está com eles, como se o Deus tivesse tempo para atender a tantos dejenerados, e negociantes da vida humana, e assim dizem isso para estimular o patriotismo dos seus subditos, e os mandar em grande escala para o grande matadouro em que se absorve vidas florecentes, que poderiam ser uteis á grande cauza da humanidade, e no entanto as fazem dar em holocausto de uma cauza criminoza e interesseira.

Precizamos nós os operarios nos precaver, para que amanhã não sejamos vitimas de uma guerra fraticida, como a que asóla o velho mundo, preparando nossas forças e nosso espirito para então de acordo com os nossos camaradas de além fronteiras desfraldarmos o nosso rubro pendão e num movimento grandiloquo de solidariedade fazermos a guerra á... guerra, abatendo o militarismo profissional, que é a entidade em que ainda mal se equilibra a sociedade retrógrada em que subziste a hipertrofia das maquinas de matar e da destruição.

Portanto, trabalhadores, mãos á obra, olhai a farda como a coiza mais abjéta, que realmente é, não eduqueis vossos filhos em escolas onde é ministrado o amor á patria, e ao clero.

Para que amanhã os vossos filhos, não tenham que ir para uma guerra em nome de Deus, mas sim em nome e defeza da humanidade trabalhadora.

Santos Cruz.

Engraçados!

Os governantes, na faina de impopularizar o anarquismo, que marcha, impávido, agora defendido por personalidades mundialmente conhecidas, já não sabem como armar o efeito pelos prélos, dando interpretações varias ás claras manifestações da consciencia do trabalhador.

O noticiario dos jornais empenhados no afan de conseguir para a Inglaterra a escravidão do mundo, abre titulo forte no incessante pregão da «derrota deciziva da Alemanha».

A um canto de pagina de vez em quando aparece uma noticia «mignon» —é um submarino do Kaiser que pôz a pique um navio de Jorge V., matando centenas de pessoas, mas, isto nada vale—ali está couza mais importante em caixa alta—o avanço de um metro das forças congregadas.

Estas manobras, sabem todas, são velhas. Os governantes são muito engraçados, e, vale a pena ás vezes rejistrar os manejos dos cujos.

O assunto desta nota, por ezemplo, provém daquela declaração do governo inglez abarbado com os operarios que trabalham nas fabricas de munição, os quais parecem rezolvidos a não fabricar mais balas para o morticinio da Europa.

Já outro dia Lloyd George veio a publico apelando para o patriotismo (?) do operario, oferecendo vontajens em troca da modificação do gesto em que se mantinham.

Até aquele dia o movimento era puramente operario, sabendo o governo que os trabalhadores inglezes, perfeitamente concientes, haviam rezolvido cruzar os braços, negando o seu aussilio á matança arranjada pelos reis.

Pajinas alheias

Assim ela chegou até meiados do ultimo século—até Karl Marx—pois foi, realmente, com este inflexivel adversario de Proudon que o socia lismo cientifico começou a uzar uma linguajem firme, compreensivel e pozitiva.

Nada de idealizações: fatos; e induções inabalaveis rezultantes de uma analize rigoroza dos materiais objetivos; e a esperiencia e a observação, adestradas em lucidos tirocinios ao travéz das ciencias inferiores, e a lojica inflexivel dos acontecimentos; e essa terrivel argumentação terra à terra, sem tortuozidades de silojismos, sem o idiotismo trancedental da velha dialéetica, mas toda feita de assiomas, de verdadeiros truismos, por maneira a não ezijir dos espiritos o minimo esforço para a alcançarem, porque ela é quem os alcança independentemente da vontade, e os domina e os arrasta com a fortaleza da propria simplicidade.

A fonte unica da produção e do seu corolario imediato, o valor, é o trabalho. Nem a terra, nem as maquinas, nem o capital, ainda coligados, as produzem sem o braço do operario. D'ai uma concluzão irredutivel:—a riqueza produzida deve pertencer toda aos que trabalham. E um conceito dedutivo: o capital é uma espoliação.

Não se póde negar a segurança do raciocinio.

De feito, desbancada a lei de Malthus, ante a qual nem se esplicaria a civilização, e demonstrada a que se lhe contrapõe consistindo em que «cada homem produz sempre mais do que consome persistindo os frutos do seu esforço além do tempo neçessario à sua reprodução»,—põe-se de manifesto o traço injusto da organização economica do nosso tempo. A esploração capitalista é assombrozamente clara, colocando o trabalhador num nivel inferior ao da maquina.

De fato, esta, na permanente passividade da materia, é conservada pelo dono; impõe-lhe constantes resguardos no traze-la integra e brunida, corrijindo-lhe os dezarranjos; e qnando morre— digamos assim—fulminada pela pletora de força de uma esplozão, ou debilitada pelas vibrações que lhe granulam a musculatura de ferro, orijina a magua real de um desfalque, a tristeza de um decrecimento da fortuna, o luto inconsolavel de um dano. Ao passo que o operario, adstrito a salarios escassos de mais á sua subzistencia, é a maquina que se conserva por si, e mal; as suas dores recalca-as forçadamente stoico; as suas molestias que por uma cruel ironia crecem com o dezenvolvimento industrial—o fosforismo, o saturnismo, o hidrarjirismo, o oxycarbonismo—cura-as como póde, quando póde; e quando morre, afinal, ás vezes subitameute triturado nas engrenajens da sua sinistra socia mais bem aquinhoada, ou lentamente—esverdinhado pelos sais de cobre e de zinco, paralitico delirante pelo chumbo, inchado pelos compostos do mercurio, asfixiado pelo oxydo carbonico, ulcerado pelos causticos dos pós arsenicais, devastado pela terrivel embriaguez petrolica ou fulminado por um *coup de plomb*—qnando se estingue, ninguem lhe dà pela falta na grande massa anonima e taciturna, que enxurra todas as manhãs à porta das oficinas.

Neste confronto se expõe a pecaminoza injustiça que o egoismo capitalista agrava, não permitindo, mercê do salario insnficiente, que se conserve tão bem como os seus aparelhos metalicos, os seus aparelhos de musculos e nervos; e está em grande parte a justificativa dos socialistas no chegarem todos ao duplo principio fundamental: «Socialização dos meios de produção e circulação»; «Posse individual somente dos objétos de uzo».

Euclides da Cunha.

Do livro *Contrastes e Confrontos.*

Vendo, porém, a atitude resoluta dos trabalhadores, o governo lançou mão de um «truc», despejando a culpa para as largas costas dos germanos.

E então, procurando acender no peito dos proletarios o apagado amor da patria, disseram:

«O governo tem as mais fortes razões para acreditar na ezistencia real de determinados individuos, cujos intuitos são bem evidentes, e que trabalham á socapa para persuadir os operarios que persistam na gréve, cauzando incalculaveis prejuizos á produção de munições. A' vista disso o governo vê-se forçado a suspeitar que a propaganda para a suspensão do trabalho parte dos inimigos da Inglaterra, sendo, como efetivamente é, injustificavel o protraimento dessa gréve, quando o governo britanico já declarou que está disposto a atender ás reclamações dos operarios, uma vez que elas venham por intermedio dos reprezentantes das «Trades Union».

O governo inglez publicou hoje uma nota, chamando a atenção dos operarios leais e patriotas para os intuitos que nesta gréve animam os inimigos da Inglaterra.»

Está bonito e bem feito, mas, estão todos muito conhecidos...

Orestes Barboza.

Aos ajitadores

O governo está convencido da nossa organização operaria.

As ultimas medidas foram um golpe de força para esperimentar a dita dos trabalhadores.

A calmaria, agora, é prejudicial.

A Federação deve proseguir.

O incidente da Corcovado, foi um bom incidente.

Outros mais serão de beneficos rezultados.

A força do Estado é grande—ha baionetas e até canhões.

O operari o tem a pedra e o dinamite.

O momento é oportuno.

O. B.

Inutil...

(Apreciação lijeira sobre a situação da policia com relação aos literarios).

O dr. Aurelino Leal, com o concurso eficaz do major Bandeira de Melo, está empenhado na árdua campanha de impopularizar a idéa que é bem um pezadelo para os que estão na curul, espoliando o trabalhador.

Homem de tino, educado em uma época de dificuldades, em a qual a tranzijencia é o unico recurso capaz de garantir um relativo bem estar, o jurista baiano está apto a enfrentar o movimento, posto que lhe não falta o apoio da imprensa a quem S. S. serve com as mais escandalozas concessões.

Todavia, qualquer é capaz de avaliar a magua do chefe ao ter que lutar contra uma força que dia a dia se avigora, qualquer é capaz de sentir as dificuldades e receio do policial em face dos acontecimentos, vendo-se a clara, a positiva marcha do ideal que avança para o ultimo termo!

O operariado—já ninguem se ilude—é que vai dar a ultima palavra no momento.

A ação dos governantes se opõe á força invencivel da convicção, e, todos avaliam o que é a ação conciente dos agrupamentos revolucionarios.

A prudencia é o caminho indicado.

Foi por ele que a principio enveredou a policia, que é, neste cazo, reprezentação do Estado.

A força publica, sentinela avançada do capital, que agora vale-se do seu prestijio unico, o que, — vamos ver — será um fracasso e um incentivo mais para a grande luta!

Não ha remedio...

Violencia ou blandicia nada influem — o momento é decizivo.

A harmonia entre o capital e o trabalho é um sonho— o trabalhador sempre foi, é e será sempre contra o seu algoz.

A proibição dos *meetings*, as prizões de libertarios, as ameaças e as descomposturas do chefe ao proletariado só poderão acender neste o animo para a disputa do sagrado direito de liberdade.

Os anarquistas, brazileiros, francezes, alemãis, italianos, hespanhóis e gregos estão mais a vontade...

E eles se batem pela humanidade — defendem o bem estar comum, enquanto um jurista emprega a força em nome da lei que lhe não garante a subsistencia sem o deslize e um militar aponta as baionetas que amanhã poderão sitia-lo ou estingui-lo...

Vae mal, a policia, no caminho traçado.

E' inutil insinuar que são os elementos estranjeiros os envolvidos na ajitação.

Os filhos do paiz, os desgraçados do Brazil cujo direito unico é morrer de fome, lá estão com as *castanhas* para receceber a força montada ou a pé, no dia de juizo.

Abreviar, porém a ação diréta dos anarquistas, oprimindo-os, castigando-os, ofendendo-os é um maupasso da policia, alheia, por vontade, ao que se està passando là lonje...

Orestes Barboza.

Confissões preciozas

Quem se der ao árduo trabalho de respigar aqui e ali, por entre o complicado mozaico que nos aprezenta a imprensa burgueza neste dolorozo transe que atravessa a humanidade, e particularmente a propozito do momento nacional, mozaico de cavilozas mentiras e escapulidas verdades, e procedendo á necessaria joeira, verificará mais uma vez a confirmação do conhecido proverbio popular: «nem tudo que reluz é ourc...»

De fato, o leitor mais ou menos atento, não precizaria despender uma grande dóze de perspicacia para sorpreender nos grandes rotativos as flagrante verdades, que os srs. jornalistas, empolsgados pela obra satanica de arrastar este paiz á colossal fogueira em que crepitam os ultimos destroços da civilização burgueza, não podem em certos momentos sopitar os impulsos da sinceridade, ainda não totalmente aniquilada pelo continuo ezercicioda profissão.

A esse propozito publicava ha dias «A Noite» na sua conhecida seção «Ecos e Novidades» o seguinte topico, cuja transcrição impõe-se nestas colunas, para que se inteirem todos os habitantes destes Brazis da «imensa» indignação em que ora vibra a população desta cidade pelos «ultrajes» feitos á «honrrra nacional», reprezentada em mercadorias lançadas ao fundo do mar pela audacia submarina dos tudescos:

Com toda a certeza, na Europa, nos Estados Unidos e, principalmente, no nosso sertão brazileiro, se acredita que o Rio Janeiro está passando por uma ajitação intenssissima, motivada pela nossa situação internacional... E não se podia formar outro juizo...

Para se ver, porém, o grau dessa ajitação e do interesse com que a grande maioria do povo está acompanhando este momento historico que o Brazil atravessa, basta um epizodio. E' este:

Hontem á tarde afixamos á porta da nossa redação um boletim narrando a aprezentação na Camara do projéto anulando o decreto de neutralidade. Os tranzeuntes passavam, liam, quazi distraidamente e não manifestavam o menor interesse. Entre estes tranzeuntes estavam dois cavalheiros: um general do ezercito, e um outro, tipo acentuado de caboclo nortista e oficial superior. Ambos vinham, vagarozamente, conversando muito distraidos, quando viram o ajuntamento.

—Que é? indagou o general, estacando ao lanje...

—Vou ver, disse o companheiro, que se aprossimou com todo o vagar, tirou com todo o vagar os oculos da caixa, e gastou pelo menos um minuto em ler as tres linhas do boletim. O seu rosto permaneceu completamente impassivel. Nem o menor traço de surpreza, nem de contrariedade ou de entuziasmo. Indiferença absoluta.

Lido o boletim, o tranquilo cidadão limpou os oculos, guardou-os tranquilamento no bolso, e se dirijiu para o logar onde deixára o general. Nenhum dos dous pronunciou, porém, uma palavra. Ambos continuaram o seu passeio vagarozo e calados. E só alguns passos adiante foi que o general se rezolveu a falar:

—Mas, que é?

—Que é o que?

—O boletim, homem!

—Ah! E'... E' aquela historia da neutralidade!

—...?

—Aquela historia de se suspender a neutralidade para os Estados Unidos...

O general ficou a pensar; e depois de pensar rezumiu o seu pensamento ta fraze lapidar:

—Esta gente anda agora com um engrossamento com os Estados Unidos!...

E aì tem gente do interior uma amostra da ajitação que vai pelo Rio.

LÉRIAS E TRÊTAS

Ha dias passava eu pela rua do Rosario e vi que entraram em um restaurant ali ezistente tres «manatas», dois dos quais eu conhecia, e o outro pouco importava, tinha eu a certeza que um dos conhecidos, dotado como é, de certa doze de senso moral, não daria nota alguma digna de rejistro, porém, o outro, sem compostura moral, deixando ver o seu dentinho de ouro, quando num sorrizo manhozo abre a boca, havia de dar fatalmente uma nota interessante.

Familiarizado nas espeluncas de jogo e em outras funções da mais réles escoria social, não podia deixar de dar um triste ar da sua graça, então eu entrei e fiz um lijeiro repasto em uma meza mais escondida, para aprecia-los.

Comeram bem, constando o «menu» de mocotó, costeletas e filets, sendo a sobremeza bananas assadas, beberam duas garrafas de vinho, sendo uma Alvaralhão e outra Douro Clarete.

Os «manatas» palestravam sobre grandes negocios.

Chega a vez da conta, e o «garçon» desfeito em amabilidades e rizonho, aprezenta a conta entre bem feitas dobras de alvo guardanapo: 12$000. O dentinho de ouro, ou seja o tasqueiro do morro da Urca, revoltou-se por achar caro e pede a conta por estenso.

O «garçon» então já deziludido, leva a conta ao caixa e dentro em pouco volta e o tasqueiro lê e vê que uma garrafa de vinho Douro Clarete custa 4$000. Abriu então o seu repertorio, isto é, na sua linguajem costumeira, insulta todos os da caza, chamando-os de ladrões, e de tal fórma se portou que provocou a indignação de toda a freguezia. O gerente da caza teria lhe dado o devido corretivo se não fosse tão impropria a hora, o que aliás não serviria de lição a um tipo de tal jaez.

Ora tenha paciencia sr. Alberto, seja mais decente, lembre-se que ali você bebeu vinho Clarete de fato, e se aqueles que presenciaram tão ridicula ação amanhã forem ao Pão de Assucar e tomar assento a uma das mezas da sua tasca e pedir uma cerveja Bok-ale ou Brama, tomarão uma Bramina ou Fidalga, se não for Guarani sem o rotulo e pagarão 1$200, para isso teve você o cuidado de mandar de prezente ao monturo todas as placas que a Companhia mandou largamente distribuir pelos caramanchões: Bramina, Fidalga, Guarani, para assim iludir o publico e a Companhia que em tão má hora lhe confiou a tasca e o fez de um momento para outro um improvizado negociante, restame ao menos o consolo de ve-lo arrejimentado nas fileiras do patronato, onde todos são decentes por terem dinheiro, se bem que tu não o tens; tu és um desgraçado, sem dinheiro, sem dignidade, sem moral, sem saude, pois és um sifilitico no ultimo gráo; que queres tu para seres assim tão máo para os teus semelhantes?

Modéra o genio e lucrarás mais.

MOXILA.

A GUERRA

Povo, queres a guerra? Queres entregar os vossos peitos á bala homicida? Este vosso entuziasmo não reprezenta outra couza senão a ignorancia, sim porque bem deveis saber que a guerra é o maior atrazo para uma nação, embora esta seja vencedora pelas armas.

Devemos tratar do dezenvolvimento da industria, da lavoura, emfim do progresso do paiz.

Devemos olhar para os pobres infelizes que dentro da nação, apezar de estar em paz, vivem na maior mizeria em consequencia da propria guerra que eziste bem lonje do Brazil; já era tempo de saberdes que a guerra só póde ser prejudicial a vós mesmos, que marchais para o campo da luta como militar para defender, segundo dizem, a Patria.

Mas, que Patria! o que vais defender é só e unicamente o interesse do capitalista, para este sim a guerra é boa, enquanto a vós, povo, só póde é trazer como consequencia a desgraça para vós e para as vossas familias.

Com toda esta carnificina humana que está havendo proveniente da guerra, quer na Alemanha, quer nos outros paizes em luta, os chefes, isto é, o imperador, o rei ou o prezidente, em suma, os provocadores desta grande con-

flagração vivem na maior opulencia, sem temerem que um estilhaço de granada lhes venham tirar as vidas, sem receiarem que lhes faltem opiparos banquetes.

Enquanto ao trabalhador, este mizero inconciente que marcha para o matadouro como gado destinado a ser abatido, a titulo de defeza da Patria, a estes como consequencias sofrem os horrores da fome, da mais negra mizeria, enquanto esperam a bala que lhes viria tirar a vida, ou pelo menos deixar-lhes cégos ou aleijados, para depois da guerra terem como recompensa da Patria as ruas da cidade para estenderem as mãos á caridade publica se policia consentir; e as mulheres e as filhas das victimas, a prostituição as esperan para o engrandecimento da Patria.

Por tanto, povo incoerente, já que assim queres seja feita a vossa vontade, mas na certeza de que sois os unicos culpados e responsaveis perante as nossas conciencias pela desgraça pela mizeria das vossas proprias familias.

Rio de Janeiro, abril de 917.

Sardonico.

O proletariado, a policia e a imprensa

(Continuação da 1ª pagina)

A ordem em que está bazeada o funcionamento da sociedade atual é mantida pela violencia metodicamente organizada.

Nem podia ser doutro modo, dado o estado de dezigualdade reinante em todas as manifestações da vida humana. Naturalmente que em uma sociedade dividida em duas classes completamente antagonicas, em que o luxo, a opulencia e a orjia de uma dependem da mizeria e privações da outra, não póde haver ordem a menos que seja imposta pela força organizada: a policia está encarregada dessa missão. Ela, porém, naturalmente, pretende justificar a necessidade imprecindivel da sua ezistencia como anjo de paz, neutra nos conflitos economicos que diariamente se dezenrolam entre operarios e capitalistas. Assim que, enquanto os trabalhadores se mantêm numa atitude ordeira, isto é, se deixam esplorar humildemente pelos capitalistas ela garante a liberdade de trabalho, o direito de reunião, a livre manifestação de pensamento e outras belezas varias prescritas por uma Constituição, mas quando cessa a humildade, quando a mizeria mortificante põe termo a rezignação degradante dos proletarios, ela entra no ezercicio das suas funções e cada passo que dá *no cumprimento do seu dever* é um atentado praticado contra o nosso direito de vida.

Assim está o mundo habitado por duas familias, uma das quais numeroza, a outra em numero bem reduzido de individuos. A primeira é a familia proletaria que trabalha, que vem regando com o seu preciozo sangue a evolução da *malfadada* civilização capitalista; a outra é a familia burgueza, que não trabalha, que nada produz e tudo possui, e que desfruta todas as regalias proporcionadas pela civilização conquistada a espensas e sacrificios de tantos milhares de vidas proletarias.

A ordem é portanto a cordialidade aparente manifestada vastamente nas relações sociais entre dois grupos que por leis naturais não podem absolutamente olhar-se com bons olhos, dado o antagonismo de interesses, em torno do qual gira a paz social.

Não póde absolutamente ezistir ordem enquanto perdure arraigada, como baze de armonia social, a dezigualdade de classes.

Não aceitamos de fórma nenhuma, e sob nenhum ponto de vista, a harmonia no seio da humanidade enquanto uma maioria esmagadora trabalha para uma minoria parazitaria ou vice-versa. Ora, naturalmente que no seio deste cáos social, onde predomina a fraude e a rapina legalizada pelo direito do mais rico, torna-se necessario uma força sistematicamente organizada que se erga aterrorizada entre os dois grupos contrarios afim de manter a ordem.

Naturalmente que os potentados, os capitalistas, possuidores de todo o necessario para viver, sentem-se bem, como senhores da terra dos meios de produção e transporte, possuidores do capital dinheiro e açambarcadores do generos de consumo (produto do nosso trabalho acumulado em troca de um mizero salario) a policia está incumbida de garantir o direito de propriedade e o livre desfrute das riquezas sociais adquiridas a espensas dos nossos sacrificios.

Ora, as leis constituidas sobre este principio iniquo, naturalmente que estão de pleno acordo com os interesses da burguezia e d'aí deduz-se a sua concordancia com a ordem atual e o respeito relijioso com que ela aceita tudo quanto está constituido por ela mesma. Mas não podemos de fórma nenhuma aceitar de bom grado uma organização tão deshumana, que nos ezije somente direitos, sem reconhecer-nos deveres.

Se a sociedade surjiu da impossibilidade do homem valer-se a si mesmo, como é que uma minoria insignificante de individuos apoderados das redeas do Estado, somente nos ezije o cego cumprimento de um dever para com eles que não querem retribui-los?

A mecanica social está de tal maneira combinada, que os trabalhadores ou têm de revoltar-se ou morrer vencidos pela fome.

Ora, colocados em tal situação, em que a revolta impõe-se-nos como um cazo de vida ou de morte, naturalmente que só nós somos os que infrinjimos as leis constituidas, qnando pretendemos conquistar o que não temos. Então vem a intervenção da policia para garantir á burguezia os seus privilejios, e aos operarios, nada, porque nada tem; mas subjugado pela violencia, forçando a aceitar a mizera condição de vida, como um fatalismo através dos tempos, sem direito de protestar.

A policia, pois, cabe-lhe a missão de manter a dezigualdade de classes, isto é, garantir os privilejios da burguezia em detrimento da classe proletaria, sustentar pela força o direito de propriedade burgueza, mas nós, párias despossados do patrimonio universal, que não temos, absolutamente nada, que devemos esperar que ela nos garanta?

Eis o que todos os trabalhadores devem saber.

O papel que a policia dezempenhou nos ultimos acontecimentos, esteve lojicamente de acordo com a sua missão; é para isso que ela está constituida.

A imprensa devia ser o fator preponderante da livre espansão das grandes idéas, farol luminozo das grandes cauzas de justiça e liberdade, envez de ser o prostibulo infame de negociatas mercantilistas, porta-voz da calunia, a serviço de uma costa privilejiada.

Mas, pondo de parte o papel trancedental que dezempenhará amanhã, numa sociedade onde a justiça seja um fato e a ordem esteja bazeada na igualdade de classes, ela nos ultimos acontecimentos cumpriu rigorozamente com o seu dever, pondo-se lojicamente ao lado das forças conservadoras, como verdadeiro sustentaculo dos seus privilejios.

Nós não esperavamos outra coiza, não foi absolutamente nenhuma sorpreza para nós, a sua consequente atitude, pelo contrario, estimamos ve-la tão coerentemente num protesto unanime clamar em linguajem violenta providencias enerjicas da policia, contra perniciozos elementos *estranjeiros* que no seio do proletariado brazileiro fazem propaganda anarquista.

Que a sua atitude seja sempre essa para que os trabalhadores, apercebidos da mascara que têm uzado até aqui, tenham o valor de escorraça-la do seu seio, e trabalham com afinco pelo surjimento de um jornal operario, o aussilio de toda a imprensa obreira para dar-lhe combate. Torna-se necessario tirar partido da lição.

Na sua maioria os jornalistas que vivem no Brazil de vergonhozas negociatas, esplorando a ignorancia popular á sombra de uma escandaloza proteção politica, são *estranjeiros*, mas isso não impediu que unanimemente, numa estreita comunhão de vistas, de comum acordo com os nacionais, pretendessem justificar a ezistencia de um perigo estranjeiro no seio do proletariado. Muito bem! Perigozos os trabalhadores que, embora não nacidos no Brazil, juntamente com os nacidos aqui se encontram nas fabricas, nos campos e nas oficinas, esgotando as suas enerjias, aniquilando a sua juventude em prol do engrandecimento do paiz onde vivem.

Muito bem! Esses são perigozos, mas no entanto não são perigozos os aventureiros da politica, os vampiros do jornalismo de *balcão*, que embriagando o povo brazileiro com palavras bonitas lhe arrancam o melhor do seu sangue á sombra da Constituição, da mesma Constituição que ameaça com lei de espulsão aos trabalhadores que lutam por um melhor estar na sociedade.

Esses estranjeiros não são perigozos por que, em vez de entrarem para os fundos infétos de uma fabrica ou de uma oficina e terem como companheiros rudes trabalhadores, mizeraveis famintos nacidos neste paiz, sobem as luxuozas escadas dos palacios, são recebidos por politicos de destaque e mais tarde tomam lugar na redação de um jornal e encontram como companheiros Medeiros, Bilacs, & C.

Os que desfrutam de ampla liberdade de ação, aqui como em todas as partes do mundo, não são absolutamente os proletarios que não podem de fórma nenhuma aceitar a prezente organização social como um sistema definitivo, e sim os que constituem as fileiras conservadoras, que têm interesse em manter essa podridão, que infelicita, oprime e vilependia a classe produtora.

Jornalistas nacionais e estranjeiros dezembainham a sua espada inflamada de odio e pedem medidas enerjicas ao Estado contra trabalhadores nacionais e estranjeiros. Magnifica atitude!

Que é de Medeiros e Albuquerque? Por que não move a sua pena brilhante contra esses jornalistas estranjeiros que não trepidam em atacar violentamente trabalhadores nacionais?

Em que lugar depozitou o seu patriotismo? Ou não reconhece nos seus compatriotas os brazileiros que se fazem candidatos a tuberculozos nos fundos das fabricas e das oficinas.

Oh! farçantes, como traficais com a vida dos povos.

Sim, sr. Medeiros, a Constituição do seu paiz é bastante liberal; nela estão prescritos direitos de grande alcance social; mas para quem? para trabalhadores estranjeiros ou nacionais?

Não, porque entre o povo do Brazil que trabalha e o ilustre jornalista ha um abismo que os separa, não ha nada de comum, mas sem embargo sente-se ligado por estreitos laços de amizade e comunhão de interesses a esses estranjeiros que pela imprensa insultam os produtores deste paiz.

Estimamos pois que a imprensa se mantenha por muito tempo no caminho que se traçou, para que os trabalhadores saibam quem são os verdadeiros inimigos.

Mas antes de terminar a nossa modesta apreciação sobre os ultimos acontecimentos grévistas, temos a dizer que os direitos prescritos em todas as constituições do mundo foram conquistados pelo povo, pelos que sofrem, e não ha povo nenhum, isto é, concretizado nas estreitas fronteiras de uma patria que possa vangloriar-se de somente com o seu unico esforço ter feito reconhecer os seus direitos.

A gloria das leis liberais, embora hoje burladas, e os direitos dos povos de todas as nações foram escritos com sangue pela humanidade em todas as Constituições do mundo.

Raymundo Rodriguez Martínez.

Sintomas do momento internacional

(Atravez dos telegramas)

Esta seção será um rejistro de fatos sintomaticos do que vai pelo mundo, e catados nos telegramas publicados pela imprensa desta cidade. Não faremos comentarios, ou muito poucos. Telegramas inteiros, ou trechos deles, copia-los-emos testualmente, ou em rezumos fidelissimos. E apontal-os-emos por ordem de paiz onde se dá o acontecimento, embora vindos os despachos de outra rejião.

Portugal

MADRID, 25— Parece demonstrado que os ultimos acontecimentos de Portugal tiveram muito mais importancia do que a principio se supoz. Já não ha duvidas sobre a circumstancia de terem sido os motins causados não só pela falta de viveres como tambem pela revolta da massa popular contra a partida de novos contingentes para as linhas de batalha de França. Sabe-se agora positivamente que as tropas que iam embarcar para a França ficaram em Lisboa, porque o povo se oppoz á sua partida. As desordens tiveram inicio quando um grupo de militares que distribuia proclamações patrioticas foi aggredido a tiros. Ha grande numero de pessôas presas e entre ellas estão os syndicalistas e varios filiados á Federação da Construcção Civil. Tambem no Seixal occorreram gravissimas desordens, tendo o governo enviado para reprimil-as forças do Exercito que embarcaram em duas torpedeiras e uma canhoneira.

MADRID, 23 — Continuam a chegar noticias do movimento subversivo que estalou em Portugal. No Porto, os successos de Lisboa tiveram funda repercussão; e á proporção que chegavam as noticias, os animos iam se exaltando até que de madrugada irrompeu o primeiro motim, com o assalto ás padarias e aos armazens de comestiveis. A policia interveiu e carregou sobre o povo estabelecendo-se graves conflictos.

MADRID, 23 — Sabe-se que a fronteira franceza com a Hespanha está fechada, parecendo que occorrem grandes disturbios na França.

Russia

PETROGRADO, 23 — O Comité dos Soldados e Operarios enviou um telegramma aos socialistas e democratas de todas as nações do mundo, e especialmente aos austriacos e hungaros, pedindo que todos trabalhem com o maior empenho para evitar a execução do jornalista Adler, autor da morte do conde de Stuergkh. Naquelle despacho os socialistas russos denominam Adler o «campeão da liberdade de todos os povos e da paz universal».

PETROGRADO, 25—Os conflictos suscitados pela questão da distribuição de terras estendem-se por todo o districto de Winsk, sendo a policia impotente para reprimil-os. Numerosos soldados tomaram parte activa no conflicto, saqueando as propriedades do principe Mirsky.

Estados Unidos

WASHINGTON, 24 — O Departamento de Estado resolveu negar passaportes a todos os individuos que pretenderem seguir para Stocholmo para tomar parte na Conferencia Socialista da Paz. Qualquer cidadão norte-americano que estiver em Stocholmo ou para ali fôr sem passaportes, e assistir á Conferencia será possivel da multa de cinco mil dollars, no maximo, e da pena de prisão por seis mezes a tres annos.

E é assim que o governo norte-americano se vai firmando definitivamente o campeão das liberdades humanas!

Inglaterra

Em correspondencia telegrafica enviada de Londres para o «Imparcial», a 20 de maio ultimo, o sr. Eduardo L. Keen, falando sobre a questão operaria na Grã-Bretanha, reproduziu os seguintes comentarios, ouvidos em conversa com um delegado operario e que «lançam uma grande luz esclarecedora sobre a questão»:

«A maior causa do mal do operario perito hoje em dia, é que ele não tem outros meios de fazer reconher os seus meritos, sinão o de se declarar em grève: quando ele pede calmamente o que lhe é devido ou reclama dentro das normas constitucionaes, vê-se esquecido; quando cessa o trabalho o governo começa a compreender no seu erro e então nos dá atenção».

Por onde se confirma a velha mássima da Internacional: «a emancipação dos trabalhadores tem que ser obra dos proprios trabalhadores».

França

PARIS, 24— O «Matin» publica um telegrama de Zurich, dizendo que, que a despeito dos desmentidos alemães, sabe-se ali por informações particulares dignas de inteira fé, que persistem as gréves parciais em Berlim, Hamburgo, Kiel, Stattin, Bremen e tambem na região industrial do concavo do Rheno na Westephalia e na Siberia.

A causa desse movimento paredista é sempre a mesma :— os operarios queixam-se da insufficiencia da alimentação e da escassez dos salarios.

Sabe-se tambem que em quasi todas as usinas reduziram o numero de horas de trabalho devido a escassez de materia prima.

Nas usinas dos arredores de Berlim trabalha-se agora apenas durante cinco horas por dia.

Apesar disso os operarios recusam trabalhar allegando que os salarios não são sufficientes para fazer face ao encarecimento dos generos de primeira necessidade.

A batata desappareceu totalmente do mercado ha já alguns dias.

Noruega

CHRISTIANIA, 25—A primeira manifestação popular contra a escassez dos alimentos realizou-se hontem. Cerca de 5.000 operarios e pequenos negociantes percorreram as ruas, protestando contra a alta do preço dos viveres.

No Parlamento tratou-se, egualmente, dessa momentosa questão, tendo sido apresentado um projecto de lei prohibindo a exportação de viveres e a entrada de navios allemães nos portos da Noruega.

A este projecto foi apresentada uma emenda, autorizando o governo a requisitar os viveres que se acham a bordo dos navios nacionaes, prestes a partir para o estrangeiro.

O movimento popular de protesto contra a escassez dos viveres toma vulto, estando em vias de organização varios comités socialistas para tratar do assumpto.

Espanha

MADRID, 25—Telegrapham de Barcelona: «Firmado por 35 representantes de sociedades operarias aqui existentes foi distribuido, hoje, largamente um manifesto contra a intervenção da Hespanha na guerra. Nelle os operarios hespanhoes declaram-se dispostos a ir até a revolução, se tanto fôr preciso, para impedir que a Hespanha tome parte na guerra européa.»

Austria-Hungria

STOCKOLMO, 22 — Segundo informações bebidas em fontes hungaras, as fabricas de munições de Budapesth estão em gréve desde o dia 1. deste mez.